



Travessias do aprendizado

Learning crossings

Simone Carleto ¹

1. Artista pedagoga, mestre, doutora e pós-doutoranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp/SP. Atriz do Canhoto Laboratório de Artes da Representação até 2008, com direção de Alexandre Mate. Coordenou a Escola Viva de Artes Cênicas e o Programa Municipal de Fomento ao Teatro e à Dança de Guarulhos. Professora do Centro de Artes Cênicas Walmor Chagas (CAC Walmor Chagas). E-mail: sicarleto@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9045-6957.

Resumo |

Relato acerca do tópico Metodologias da Pesquisa em Arte, concernente à matéria Seminários de Pesquisa, ministrada por Alexandre Mate e Simone Carleto. Trata da abordagem quanto ao processo de pesquisa. Para tanto, decupa os conceitos de pesquisa, método e metodologia. Pesquisa, no sentido exposto, refere-se à investigação contínua e aprofundada de determinado tema ou área. Método, em pesquisa científica, diz respeito às linhas mestras que embasam a perspectiva ou ponto de vista da análise do(s) objeto(s) de pesquisa. Nessa linha, a metodologia trata dos caminhos pelos quais a busca seguirá, traduzindo em procedimentos e chaves de leitura dos dados encontrados durante a investigação. Também apresenta especulações acerca das concepções hegemônicas na área de metodologias da pesquisa, elencando linhas básicas de diferentes proposições. Ancora-se nas vivências artístico-pedagógicas, nas quais Alexandre Mate apresenta-se como obstinado procurador das formas de produção que abarquem a busca permanente de uma postura crítica-criativa-transformadora. O texto faz parte de um tríptico, em conjunto com *Apontamentos quanto aos Procedimentos Desenvolvidos em Aula “Mediada” por Procedi(enquadra)mento Virtual...*, de autoria de Alexandre Mate, e *Manifesto poliédrico-estético-político afetivo por um coro de corpos distantes*, construído por estudantes do curso citado, publicados em conjunto na edição 13 da Revista Rebento, no ano de 2020.

Palavras-chave: Metodologia da pesquisa. Ensino híbrido. Pesquisa em Artes Cênicas. Epistemologia praxica.

Abstract |

Report on the topic Research Methodologies in Art, concerning the subject Research Seminars, given by Alexandre Mate and Simone Carleto. It deals with the approach to the research process. For that, it decouples the concepts of research, method and methodology. Research, in the above sense, refers to the continuous and in-depth investigation of a given theme or area. Method, in scientific research, concerns the main lines that support the perspective or point of view of the analysis of the research object(s). In this line, methodology deals with the paths by which the search will follow, translating into procedures and keys for reading the data found during the investigation. It also presents speculations about the hegemonic conceptions in the area of research methodologies, listing basic lines of different propositions. It is anchored in artistic-pedagogical experiences, in which Alexandre Mate presents himself as an obstinate searcher for forms of production that encompass the permanent search for a critical-creative-transforming posture. The text is part of a triptych, together with *Notes on the Procedures Developed in a Class "Mediated" by Virtual Procedure (framework)...*, by Alexandre Mate, and *Affective Polyhedral-aesthetic-political Manifest by a Chorus of Distant Bodies*, built by students of the mentioned course, published together in the 13th edition of Revista Rebento, in 2020.

Palavras-chave: Research methodology. Hybrid teaching. Performing Arts research. Praxic epistemology.

Quando o muro separa, uma ponte une [...]
[...] Você vem me agarra, alguém vem me solta
[...] Olha o muro, olha a ponte, olhe o dia de ontem chegando
Que medo você tem de nós, olha aí [...]

Maurício Tapajós/Paulo César Pinheiro

A canção *Pesadelo* (1972), de Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, faz alusão aos processos de resistência em face da censura e a tantos outros processos de violência. Também o controverso momento em que vivemos exige resistência, com postura crítica e vigilante, pois as contradições sociais estão acirradas. Discute-se no período em que vivemos as possibilidades de um suposto “novo normal”, após o período da pandemia por Covid-19. Analogamente, enquanto a pandemia pode representar o muro que separa, os encontros simbólicos significativos podem tornar-se pontes. No âmbito educacional, coloca-se a discussão acerca da necessidade de um “ensino híbrido”. De fato, a apologia da distância nas relações educacionais vem sendo propagada por interesses mercadológicos de uma educação cada vez mais esvaziada de sentido. No mesmo quadro estão o sucateamento da universidade pública, a desvalorização das ciências e a precarização da formação docente e do trabalho de educadores e educadoras.

Na pandemia, instituições de ensino públicas e particulares trouxeram a urgência do ensino remoto, sendo que a rede particular e sua necessidade de lucro determina o tom dessa corrida, que torna ainda mais injustas as condições de acesso ao conhecimento e à sua produção. Sem fornecer as condições materiais e técnicas para a operacionalização dessa modalidade de ensino, tanto para profissionais como para estudantes, as instituições públicas, como é o caso de escolas municipais, contribuíram para o aprofundamento do fosso existente entre estudantes em vulnerabilidade social. Instituições privadas com roupagem de fundações educacionais sustentadas pelo meio empresarial dominam as

tidades com despropósitos pedagógicos, constituindo-se em verdadeiros entraves à autonomia das escolas. As universidades públicas podem e devem ser fortalecidas para colaborar no sentido de enfrentar o senso comum em torno da difusão do empreendedorismo. Para tanto, é significativa a reflexão sobre metodologias de ensino-aprendizagem.

Buscarei neste relato explicitar travessias junto do sempre parceiro professor Alexandre Mate, pesquisador, diretor de teatro e orientador com quem atuei ao longo de mais de vinte anos, mais especificamente no estágio que realizei ministrando com ele a disciplina “Seminários de Pesquisa I”, do curso de mestrado, no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Unesp, de março a julho de 2020. Pesquisa metodologias de ensino-aprendizagem nesse mesmo período de vinte anos, e a epistemologia práxico-dialética desenvolvida por Alexandre Mate tem sido fundamental para experienciar processos dialéticos de ensino-aprendizagem, nos quais apreende-se uma atitude, conforme o conceito brechtiano, de colocar-se em situação e depreender demandas e procedimentos em conjunto com participantes das instâncias nas quais ocorrem os processos de aprendizagem.

Relatei em minha tese de doutorado, com detalhes, esse processo, pois os pressupostos do teatro épico dialético foram utilizados como proposição modelar, no sentido de contemplar abordagens que confluem para o senso crítico e para a construção de alternativas criativas e soluções artístico-pedagógicas para situações concretas nas quais se pode intervir como sujeitas e sujeitos da história. Visão de sociedade, história do teatro, expedientes de reflexão e forma de produção — aplicáveis aos processos de “ensinagem-aprendizagem”.

Os conteúdos improvisacionais também nos auxiliam com prontidão necessária a tornar os encontros permeáveis às trocas essenciais e aos saltos qualitativos que garantem a aprendizagem, ou seja, eles abrem espaços às transformações nos modos de ver e interagir no mundo. As-

sim, o arcabouço teórico-conceitual, os procedimentos adotados e as diferentes perspectivas a partir das quais são observadas as produções e produzidas as análises visam contribuir para ampliar o repertório das pessoas envolvidas no processo, no qual todas têm oportunidade de colaborar com seus conhecimentos e objetos de pesquisa. A matéria “Seminários de Pesquisa I”, ministrada por Alexandre Mate, conforme relatado por ele nesta edição, abordou os elementos: senso comum/preconceito, cultura, história, memória, engajamento/militância política e teatro. E coube a mim, como assistente, apresentar o tópico metodologias da pesquisa.

Para abordar o tema, busquei tratar das metodologias em contato com as temáticas e objetos das pesquisas de estudantes pesquisadoras(es) de mestrado. De modo geral, os projetos de pesquisa de mestrado das participantes focavam processos de criação, formas de organização de grupos e/ou processos pedagógicos envolvendo a criação artística. Para iniciar, utilizei a etimologia, cuja ênfase vem sendo dada por Alexandre Mate, para quem é fundamental conhecer a origem das palavras, tornando-as mais efetivas em termos de comunicação objetiva. Assim, os termos metodologia, método e pesquisa foram decupados. Metodologia, formada por método+logia, agrupa “*metá*”, no sentido de “atrás, em seguida, através” e “*hodós*”, no sentido de “caminho”; enquanto “logia” é indicativo de “ciência, arte, tratado, exposição cabal, tratamento sistemático de um tema”. Desse modo, metodologia diz respeito a um caminho através do qual se produz conhecimento em ciência e arte..., sistematizando informações e reflexões sobre um determinado tema. Com relação ao termo pesquisa, encontramos a origem latina “*perquirere*” no sentido de “[...] buscar com cuidado, procurar por toda a parte; informar-se, inquirir, perguntar; indagar profundamente, aprofundar”. Portanto, os procedimentos e processos de pesquisa aportam ao aprofundamento cuidadoso de estudos sobre determinado tema, a partir de perguntas que possam ser respondidas com base em diferentes fontes de informação.

Tomamos a criatividade como elemento comum à produção artística e científica. Criatividade como decorrente de “cria”, no sentido de “[...] produzir, fazer brotar, fazer aumentar, fazer crescer e como inventividade, inteligência e talento, para inventar, inovar, quer no campo artístico, quer no científico”. Daí relacionarmos a pesquisa à construção de narrativa que se relaciona às visões de mundo e aos processos de trabalho que transformam contextos, sejam materiais e/ou simbólicos, já que a área teatral possibilita a atuação nas perspectivas de atores/atrizes-professores-pesquisadores. As ligações entre processos de criação e pedagógicos são cada vez mais evidentes nas pesquisas em artes cênicas, tendo em vista a valorização dos processos de criação como significativos quando se trata do caráter polifônico das obras artísticas e das possibilidades de leituras múltiplas de tais obras. Outro elemento fundante é a determinação das chamadas formas de produção intervindo nos rumos da criação, colaborando para o arcabouço final da obra como experimento estético-histórico-social.

Postos esses fatores, as metodologias referem-se, para além das inúmeras possibilidades de abordagens metodológicas, ao imbricamento de procedimentos diversos. O rigor científico mantém-se em conjunto com a utilização criativa de possibilidades de coleta, tratamento e sistematização de dados e informações, sendo aceitas formas híbridas, narrativas e relatos de experiência, como modos de aproximar pessoas leitoras e interlocutoras de estudos artístico-científicos. Já a raiz de método nos encaminha a refletir sobre as analogias com diferentes abordagens científicas:

- De acordo com Sócrates (469-399 a. C), a verdade pode ser conhecida ao afastar as ilusões dos sentidos e ao adotar um conjunto sistemático de regras e procedimentos que, se respeitados em uma investigação cognitiva, conduzem-na à “verdade”;

- Na filosofia de Francis Bacon (1561-1626), a reunião de prescrições de natureza indutiva e experimental asseguram a investigação científica;
- Para o cartesianismo de René de Descartes (1596-1650), a soma de operações como a busca de evidência, o procedimento analítico, a ordenação sistemática que parte do simples para o complexo, ou a recapitulação exaustiva da totalidade do problema investigado garantem o conhecimento;
- No pensamento de Edgar Morin (1921-), a atitude intelectual que busca a integração das múltiplas ciências e de seus procedimentos cognitivos heterogêneos, aponta ao ideal de um conhecimento eclético e complexo.

Entretanto, as contextualidades atuais levam-nos a pensar em conjunto com Ludke (1992), que se inspira na raiz da palavra método “[...] que evoca caminho, e atentando para a evolução da própria concepção de metodologia, que hoje se preocupa muito mais com o percurso que levará o pesquisador à construção do conhecimento do seu objeto de estudo, do que com as regras que ele deverá seguir” (LUDKE, 1992, p. 37). Luna, de sua parte, concebe que “[...] a realidade a ser pesquisada é infinitamente maior, mais complexa e mais diversificada do que qualquer formalização didática da atividade do pesquisador (e a metodologia não passa disso). [...]” (LUNA, 1997, p. 12). Partimos, portanto, dessa liberdade artístico-científica, para que cada estudante possa seguir caminhos próprios, determinados por seus objetivos de pesquisa, tema e objeto, bem como as condições encontradas para levantamento de dados e elementos de estudo.

A paixão de conhecer

A travessia liga-se à capacidade de atravessar e compreender, com olhar próprio, os ensinamentos recebidos e vivenciados. Veremos que algumas abordagens contemporâneas de metodologias de pesquisa consideram a subjetividade como um processo fundamental à construção do conhecimento. E estas juntam-se às múltiplas interpretações de um mesmo fenômeno ou conteúdo de estudo. Madalena Freire em **A paixão de conhecer o mundo**, relata suas vivências educacionais com crianças em uma rede particular e em uma rede pública de ensino, em escola da periferia de um bairro de Osasco. Ela desenvolve práticas semelhantes que demonstram os processos de descoberta das crianças e de como ela, na condição de educadora, colocou-se também como aprendiz durante o percurso pedagógico por ela relatado. Inspirada nas propostas educativas de Paulo Freire, Madalena Freire sistematizou em relatos as práticas desenvolvidas com crianças, em detalhes, permitindo o contato sensível e também prático com as atividades que aplicou nas duas escolas. Para o educador José Pacheco, o Brasil conta com imensa fortuna pedagógica. Conhecido por implantar experiências inovadoras como a Escola da Ponte, em Portugal, e o Projeto Âncora, em Cotia (município da grande São Paulo), ele defende que a aprendizagem efetiva reside nas práticas cotidianas em contato com a comunidade, na qual os conteúdos estão vivos e em movimento. Já as “salas de aula” encerram procedimentos arcaicos, que não têm base em nenhuma legislação e tampouco em teorias pedagógicas. São ações, ou ausência dessas, que remontam há séculos e que não se justificam, do ponto de vista progressista, na atualidade.

De modo semelhante, as metodologias da pesquisa devem ser trabalhadas em consonância com os estudos da turma. Algo que salientamos foi a necessidade de se pesquisar temas pelos quais se tenha verdadeiro interesse. As dificuldades de um processo acadêmico, considerando todas as questões burocráticas que o permeiam, bem como a necessidade

de cumprir créditos em matérias e atividades complementares, muitas vezes tornam-se angustiantes para os/as estudantes. Estar “fortemente” ligadas aos temas é fundamental para manter a conexão com a pesquisa.

Grande parte dos objetos de estudo de estudantes dos cursos de arte aproximam-se das abordagens qualitativas, que solicitam de pesquisadores a atitude construtiva interpretativa (GONZÁLEZ REY, 2015). Ainda nesse particular, requer a postura de sujeitas(os), ou seja, de apresentar-se como produtor(a) de conhecimento, contribuindo para a história como novos saberes.

Porém, para que sejam compreensíveis diferenças entre as abordagens, tendo em vista as concepções hegemônicas, optamos por pontuar ramificações epistemológicas da ciência ao longo da história. Tal procedimento reuniu o ensejo de estudantes definirem temas e tópicos de pesquisa, bem como eleger metodologias compatíveis. Ou seja, foram elencadas formas de lidar com o conhecimento e os procedimentos metodológicos correspondentes, levando em consideração também os tipos de pesquisa.

Formas de conceber a ciência e caminhos para construí-la

A contemporaneidade apresenta-se para nós com as questões chamadas interseccionais, com o intuito de contemplar nos diferentes espaços de convivência social as populações de mulheres, negras e negros, juventudes, pessoas com deficiência, idosos, crianças, indígenas e imigrantes. Percebe-se nas universidades públicas a ausência dessas populações, sobretudo nos cursos de pós-graduação. Em nossa turma, essa realidade impôs-se em algumas discussões, nas quais a turma ponderou acerca da pertinência de determinados conteúdos e perspectivas, em face da necessidade de combate ao racismo, machismo e outras formas de dominação-subserviência. Desse modo, é relevante identificar a permanência de concepções enraizadas culturalmente.

Desde o século VIII a.C. até o século XVI, prevaleceu, em tese, a visão grega da ciência, cuja prioridade era a filosofia da natureza, com a busca da compreensão da natureza das coisas e do homem (KOCHE, 1997, p.44). Os pré-Socráticos romperam gradualmente com a mitologia (Tales de Mileto, Anaximandro, Pitágoras, Heráclito, Parmênides, Empédocles, Anaxágoras e Demócrito). Distinguiam a percepção pelos sentidos (opinião, *doksa*); e percepção pela inteligência (o ser, as essências que definem a natureza das coisas, seus princípios comuns e imutáveis, que fundamentam o conhecimento, a ciência, a filosofia). Buscavam portanto a possível ordem que havia por trás da aparente desordem dos fenômenos sensíveis e objetivavam a “[...] compreensão racional do cosmos” (KOCHE, 1997, p.45).

Platão (429-348/7 a.C) considerava como verdadeiro o mundo das ideias, que contém os modelos e as essências (mundo superior e eterno) de como as aparências devem se estruturar. Para ele, a forma, acessível aos sentidos, apenas mostraria *como* as coisas tenderiam a ser, mas não *o que* seriam. Para o verdadeiro conhecimento *d’o que* são, devia-se buscar a ciência, a inteligência, o entendimento, como conhecimento racional intuitivo, desenvolvido através da dialética (intuição dos princípios universais, análise e síntese) - o método científico racional (KOCHE, 1997, p. 45-6).

Para Aristóteles (384-322 a.C.), a ciência seria o produto de uma elaboração do entendimento em íntima colaboração com a experiência sensível. Seria, portanto, o resultado de uma abstração indutiva das sensações provenientes dos sentidos e da iluminação do entendimento que abstrairia as particularidades individualizadas dessas sensações tendente à construção da ideia universal que representaria a essência da realidade (permanecendo independente às mudanças). O objetivo do processo de abstração era definir as formas e efetuar a passagem progressiva dos dados materiais e mutáveis para os imateriais e imutáveis (KOCHE, 1997, p.46).

A abordagem moderna circunscreve-se entre os séculos XVII e XX. O surgimento da experimentação científica no Renascimento altera radicalmente a concepção de mundo vigente até então. O método chamado de interpretação da natureza por Bacon (1561-1626) caracterizou-se como método científico, devendo abranger experimentação, formulação de hipóteses e formulação das generalizações e leis. Galileu (1564-1642), considerado responsável pela revolução científica moderna por ter criado o método científico-experimental, foi contrário à visão de cosmos de Aristóteles (universo como eterno, geocêntrico, finito). Para ele, o mundo era aberto, mecânico, unificado, determinista, geométrico e quantitativo. Outro cientista importante desse período, Isaac Newton (1642-1727), criou o método científico indutivo-confirmável, que consistia na observação e análise da relação quantitativa existente entre os elementos que compoariam o fenômeno, indução de hipóteses quantitativas, teste experimental das hipóteses para confirmação e generalização dos resultados em lei. Compreendia a objetividade da ciência como realidade (KOCHE, 1997, p. 49-57).

Também entre os séculos XVIII e XIX ocorreram profundas transformações com a ascensão da burguesia. A transformação do modo de produção feudal em capitalista teria impelido à refutação das concepções metafísicas baseadas na concepção religiosa. Augusto Comte (1798-1857) será o principal expoente do positivismo na França, defendendo a experiência e a prova para dar forma científica no tratamento dos fenômenos sociais, tendo como fundamentos os critérios de objetividade e neutralidade. Tal concepção ficaria tão marcada que se tornou, em muitos casos, sinônimo de ciência, em nome da qual se defenderia o apartamento dos posicionamentos políticos.

Ainda no século XIX, Karl Marx (1818-1883) sistematiza o materialismo histórico-dialético, cuja abordagem trata de desvendar as contradições apresentadas pelo real, expressas no conflito de interpretações

e interesses (contradições dos fenômenos, bem como, a relação homem/natureza, reflexão/ação e teoria/prática), para então propor formas de superação, no sentido de transformar a realidade (SÁNCHEZ GAMBOA, 2010, p. 103).

No século XX, a ciência contemporânea aguçará o rompimento com o cientificismo, relativizando-o como conjunto de convenções histórico-culturais. As descobertas científicas passam a ser vistas como provisórias e em processo de construção, com abertura a interpretações diversas, de acordo com a dinâmica e processo histórico (método científico hipotético-dedutível). A atitude científica compreenderá a atitude crítica, ao passo que outras formas de conhecimento não-científico também serão consideradas.

Observam-se na universidade pesquisas contendo narrativas que abarcam os conceitos de identidade e diversidade, além da relevância de garantir discursos próprios de pessoas que vivenciam as situações e portanto apresentam “lugares de fala” específicos. Talvez por esse motivo encontramos a abordagem fenomenológica em vários estudos. Enfatizando o significado atribuído a determinado fenômeno por um Eu, tal abordagem proporciona aprofundamento no tema, porém pode levar ao isolamento do fenômeno de seu contexto social. Por outro lado, reduz a distância entre percepções e os conhecimentos objetivos-subjetivos como dicotômicos, já que a subjetividade do ponto de vista da/o sujeita/o que observa é o mote dessa proposta epistemológica. De acordo com Merleau-Ponty (1908-1961) seria possível apreender a essência do fenômeno.

Validação e legitimidade dos conhecimentos

Com relação aos conceitos de senso comum, ciência, sabedoria e culturas populares, o argumento de Boaventura de Sousa Santos, segundo o qual é necessária uma ecologia de saberes, faz muito sentido ao

valorizar conhecimentos prévios de estudantes em todos os níveis de ensino. E a universidade também vem sendo provocada a descolonizar conteúdos e práticas dominantes. O senso comum, como saber e práticas de pessoas comuns, pode tornar-se ciência, dependendo de quem sistematiza e publica tais construções sócio-culturais. Isso ocorre, por exemplo, quando esses saberes são apropriados, geralmente sem os devidos créditos, e sem retribuição de nenhum valor material aos portadores desses saberes.

Umberto Eco (2002) afirma que todo trabalho científico, na medida em que contribui para o desenvolvimento do conhecimento geral, tem sempre valor político positivo, enquanto a ação que bloqueia o processo de conhecimento tem valor negativo. Apreciado como um guia fundamental para pesquisadoras e pesquisadores, a obra de Eco atribui características ao estudo científico:

- debruça-se sobre um objeto reconhecível e definido de tal maneira que possa ser reconhecível igualmente pelos outros;
- deve dizer algo do objeto que ainda não foi dito ou rever sob uma ótica diferente o que já se disse;
- deve ser útil aos demais;
- deve fornecer elementos para a contestação das hipóteses apresentadas (continuidade, contestação, confirmação) (ECO, 2002, p. 21-24).

Luna (1997) enumera alguns pontos que caracterizam a pesquisa, independente do referencial teórico ou da metodologia utilizada:

1. formulação de problema de pesquisa, conjunto de perguntas - respostas se mostrem novas ou relevantes socialmente ou para a área;
2. determinação das informações necessárias para encaminhar as respostas às perguntas feitas;
3. a seleção das melhores fontes para essas informações;
4. definição de um conjunto de ações que produzam essas informações;
5. a seleção de um sistema para tratamento dessas informações;
6. o uso de um sistema teórico para interpretação delas;
7. a produção de respostas às perguntas formuladas pelo problema;
8. indicação do grau de confiabilidade das respostas obtidas (ou seja, por que aquelas respostas, nas condições de pesquisa, são as melhores respostas possíveis?);
9. indicação da generalidade dos resultados (extensão dos resultados obtidos). Liga-se à teorização (LUNA, 1997, p. 17)

Entre outros assuntos abordados, consideramos fundamental tratar dos tipos de pesquisa, dada a multiplicidade de elementos que podem ser imbricados em uma pesquisa na área artística. Determinados objetos de estudo agregam, inclusive, alguns dos tipos citados por Pedro Demo (1985):

- Teórica — monta e desvenda quadros teóricos de referência;
- Metodológica — refere-se aos instrumentos de captação e manipulação da realidade;

- Empírica — face experimental e observável dos fenômenos. Manipula dados e fatos concretos, tende a ser quantitativa, traz afirmações controláveis e a teoria para a realidade concreta;
- Prática — teste prático de ideias e posições teóricas.

O lugar da inventividade nas pesquisas em arte liga-se, muitas vezes, mais diretamente aos aspectos qualitativos das ciências. Portanto, estabelecer recorte focado nas abordagens qualitativas torna-se relevante. A epistemologia qualitativa defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, compreendido como produção relativa à construção e não como apropriação linear de uma realidade. Essa realidade compreende o domínio infinito de campos inter-relacionados que consistem em um sistema complexo, do qual nos aproximamos por meio de nossas práticas (nas artes cênicas), nesse caso a partir da pesquisa científica. Com nossos estudos, formamos um novo campo de realidade, e estamos implicadas(os) de maneira orgânica no funcionamento do mundo (GONZÁLEZ REY, 2015, p. 5). São criadas zonas de sentido como espaços de inteligibilidade, que não esgotam a questão que significam, mas abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica (GONZÁLEZ REY, 2015, p. 6). O pensamento e a especulação, a fantasia, o desejo e todos os processos subjetivos envolvidos na criatividade da(o) pesquisadora/pesquisador como sujeita(o) estão presentes, devendo haver o cuidado com o risco da reificação do caráter especulativo de forma a-crítica e a-histórica.

Também outras abordagens têm sido consideradas, correspondendo à complexidade dos objetos de pesquisa e à ênfase nos processos de criação e de construção do conhecimento. Para Zamboni (2012), atendo-se à arte como área do conhecimento, é importante abarcar também o pensamento oriental com a visão sistêmica e a valorização da intuição como elemento sensível da percepção humana. Fayga Ostrower (2004)

expõe que “[...] Ambas, intuição e percepção, são modos de conhecimento, vias de buscar certas ordenações e significados” (OSTROWER, 2004, p. 57). Para a autora há um modo de captar que vem ao consciente de modo indireto, via uma “[...] espécie de introspecção que ultrapassa os níveis comuns de percepção, tanto assim que o intuir pode ocorrer em nível pré-consciente ou subconsciente” (OSTROWER, 2004, p. 57). Ademais, a criatividade para Fayga deve estar presente em toda atividade a partir da qual seja viável a transformação, pois o trabalho criativo consiste na capacidade de transformar, seja matérias-primas, situações ou contextos. Por esse motivo, os processos de criação são considerados fundamentais, ao revelar procedimentos de criação. A crítica genética é composta por investigação que enfoca a obra de arte buscando a compreensão do processo de sua criação e construção, visando “[...] revelar alguns sistemas responsáveis pela geração da obra. Essa crítica refaz, com o material que possui, a gênese da obra e descreve os mecanismos que sustentam essa produção” (SALLES, 2001, p.13).

Diante de múltiplas formas de olhar para as pesquisas, abrangendo processos e procedimentos, evidenciam-se desenhos elaborados por pesquisadoras(es) no planejamento de seus percursos de estudo. E pode-se contribuir para configurar e reconfigurar rotas e planos, de modo que a criatividade seja aguçada, na direção de permitir a abertura de canais perceptivos, ampliando ângulos de visão e promovendo novas interpretações. O diálogo constante com “achados” durante as pesquisas torna-as porosas à revisitação de formulações prévias, gerando saltos de qualidade acadêmica para pesquisadoras(es) e áreas do conhecimento.

A bordo do desenvolvimento da pesquisa

Conforme relata Alexandre Mate e também estudantes da matéria “Seminários de Pesquisa I”, o curso reuniu estímulos criativos, estudo de material teórico, contato com obras de arte, partilha de saberes e cons-

trução coletiva. Foram socializadas orientações recorrentes nos cursos de metodologia, referentes às técnicas, procedimentos e planejamento de pesquisa. Além de parte desses elementos serem determinados, em parte, pelo tema, recorte e objetivos da pesquisa, há o desenvolvimento do modo pessoal de organizar e executar uma pesquisa acadêmica. Um dos aspectos pouco enfatizados na literatura é a opção pelo tema e recorte da pesquisa. Pois o interesse pelo tema auxilia a manutenção da conexão ao trabalho.

Embora alguns estudiosos digam que a introdução deve ser a última parte a ser escrita, resulta positivamente uma estrutura preliminar, na qual sejam descritos os itens básicos do estudo. Nessa parte do trabalho são apresentados a justificativa, os objetivos gerais (objetivos que se pretende alcançar com o trabalho em sentido mais amplo) e específicos (tópicos que serão abordados). Também serão colocados os chamados problemas de pesquisa ou perguntas que necessariamente deverão ser respondidas no desenvolvimento e conclusão do trabalho. Também as bases teóricas e a metodologia aparecem na introdução, estimulando a curiosidade do(a) leitor(a) a partir da apresentação sucinta dos temas do trabalho e da síntese de suas partes.

O chamado desenvolvimento é o corpo do trabalho, que contém os capítulos e a argumentação completa dividida por assuntos que compõem o tema da pesquisa ou trabalho. Cada capítulo deve contemplar começo, meio e fim, fechando uma coerência, assim como os parágrafos dentro do capítulo. É no desenvolvimento que as questões colocadas no início serão tratadas detalhadamente e também serão elaboradas as argumentações, que culminarão em considerações na parte final, ou mesmo em conclusões parciais, no encerramento de cada capítulo ou outras divisões. Nas considerações finais ou conclusões, são retomados os objetivos propostos e as perguntas levantadas inicialmente, e posiciona-se com relação a o que foi estudado. Além de expor de forma autoral seus posicionamentos, deve-se apresentar possibilidades e o que pode ter ficado em aberto para próximos estudos.

Além desses fatores, são imprescindíveis a organização do tempo, espaço e condições materiais para a produção da pesquisa. É necessário disciplina para reservar tempo e preparar ritos para estabelecer regularidade na produção, atribuindo a ela organicidade e fluência. A confiança da pesquisadora na capacidade de cumprir um planejamento reside, principalmente, na sistematização prática do que foi planejado. Há uma série de cuidados e providências que as pesquisadoras(es) podem adotar para potencializar os estudos, como definir cronograma geral e parcial da pesquisa; definir quantidade máxima de horas a utilizar redes sociais; além de cuidados com o corpo, entre outros hábitos saudáveis favoráveis à pesquisa.

Finalmente, um dos grandes entraves das pesquisas é o processo de escrita, considerando inclusive prazos e burocracias que precisam ser cumpridas. Instigante, escrever torna realizável o exercício de registro, corporificando processos e resultantes da pesquisa. Nas orientações do Grupo de Pesquisa Amorada, coordenado por Alexandre Mate, pesquisadoras(es) são incentivados a escrever diariamente; manter um caderno consigo para anotações; fazer gravações de ideias e trechos a serem escritos; e a ativar modos de efetivar a instauração de percurso criativo, nutrindo o processo de pesquisa de fricção com as realidades e criando outras realidades possíveis.

Dissemos sim à manutenção do calendário e atividades da matéria pela via remota, do ponto de vista tecnológico ao utilizar os meios digitais, entretanto buscamos revolver práticas, para viabilizar a práxis mobilizadora do espírito crítico, do grego *kritikós*, significando “a/o que julga, avalia e decide”. Em que pese a existência de meios *online* esvaziados de humanidade, reafirmamos nesse coletivo as chances de “fazer juntas” — e dizer não a todo pensamento limitante que recrudesça o individualismo exacerbado —, fortalecendo nosso impulso tribal transformador.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

DARCY DE OLIVEIRA, Rosiska; DARCY DE OLIVEIRA, Miguel. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1985.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza, São Paulo: Perspectiva, 2002.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 34-41.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio Ancizar. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani. (org.) *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 91-115.

GOMES, Alberto. Considerações sobre a pesquisa científica: em busca de caminhos para a pesquisa científica. Disponível em: https://www.fct.unesp.br/Home/Departamentos/Educacao/AlbertoGomes/aula_consideracoes-sobre-a-pesquisa.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÜDKE, Menga. Cap. 1: Introdução à pesquisa: para que e o que pesquisar em educação? In: FAZENDA, I. (org.) *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1992. p. 9-50.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, s/d.

LUNA, Sérgio. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1997.

TAPAJÓS, Maurício; PINHEIRO, Paulo César. *Pesadelo*. Rio de Janeiro: Odeon, 1972.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2001.

ZAMBONI, Silvio. *Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. Campinas: Autores Associados, 2012.

Submetido em: 26/11/2020

Aceito em: 23/12/2020